

A CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE PESSOAS, SABERES E PRÁTICAS NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS. DO DIREITO À EXIGÊNCIA♦

International mobility of persons, knowledge and practices in the human sciences. From the rights to the demands.

Débora Mazza □

Palavras-chave: Circulação Internacional; Práticas Formativas; Ciências Humanas.

Introdução

Há cerca de seis anos venho estudando o peso crescente que a circulação internacional de pessoas, saberes e práticas vem alcançando no cotidiano de grupos, classes, categorias profissionais, instituições e nações.

Inicialmente, realizei uma pesquisa quantitativa levantando os recursos públicos que a CAPES (Fundação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), agência ligada ao Ministério da Educação, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia e a FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo), ligada ao governo do Estado de São Paulo, destinaram a bolsas no exterior, no período de 1970

♦ Esta pesquisa contou com apoio do FAEPEX – UNICAMP, convênio 519.292, solicitação 094/06 e do CNPq, processo 400185/2006-7, edital MCT/CNPq 61/2005 – Ciências Humanas/Sociais/Sociais Aplicadas.

*Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas.

a 2000, tendo em vista a formação de quadros qualificados. Localizei cerca de 16.000 brasileiros, das áreas de Ciências Humanas, Exatas e Biológicas, oriundos de diferentes estados e instituições que, no período estudado, realizaram parte de sua formação profissional em outros países.¹

A pesquisa apontou que os recursos públicos de bolsa no exterior representaram uma ampliação das possibilidades de brasileiros de diferentes classes, áreas, instituições e regiões circularem internacionalmente. As viagens internacionais, antes reservadas a uma elite econômica e/ou relacional, estenderam-se a universitários com projetos de formação profissional, avaliados por comitês científicos de áreas do conhecimento e atuação semelhantes as do solicitante.

Os recursos públicos destinados à qualificação internacional de docentes, pesquisadores e técnicos de nível superior, e a política deliberada de inserir os profissionais de ciência e tecnologia num nível de formação equivalente aos principais países do mundo, alteraram o perfil de qualificação profissional e as exigências de ingresso, concorrência e permanência destes trabalhadores nas principais universidades brasileiras.

A possibilidade de circular internacionalmente transformou-se em um “modelo a ser seguido”. A aquisição de credenciais curriculares internacionais passou a ser prática valorizada nas principais universidades do país que ofertam condições de trabalho menos precárias. Milton Santos, um intelectual brasileiro negro, do campo disciplinar da Geografia, depois de lecionar em universidades de vários países, tais como França, Canadá, Venezuela, Tanzânia e Estados Unidos, disse: “o reconhecimento de nosso trabalho no exterior, que já vinha se dando lentamente, ganhou um fato publicitário maior com o prêmio Vautrin Lund, que gerou uma onda Milton Santos no Brasil”.² Ou seja, o reconhecimento no campo acadêmico nacional ocorreu do reconhecimento internacional de seu trabalho.

Identificando que a circulação internacional, no campo acadêmico, estaria metamorfoseando-se de direito em dever, direcionei a pesquisa para um estudo qualitativo que permitisse visualizar, num universo social-profissional, a circulação internacional como estratégia de construção da carreira tendo em vista alcançar condições de ingresso/concorrência/permanência no campo acadêmico nacional.

¹ MAZZA, Debora. “Intercâmbios acadêmicos por meio de bolsas no exterior da CAPES, CNPq e FAPESP”, p. 1-32.

² SANTOS, Milton. *Cientistas do Brasil*, p. 751.

A pesquisa de campo

Orientada pelo método do “estudo de caso”,³ aprofundei as observações acerca da circulação internacional de pessoas, saberes e práticas, tendo em vista compreender, a partir de um caso, segundo a lógica indutiva, processos similares que vêm ocorrendo em grupos profissionais, instituições e nações.

Delimitei como campo empírico da pesquisa o IFCH-UNICAMP, considerando: a presença quantitativa de profissionais das Ciências Humanas que circularam internacionalmente e que alcançaram bolsas no exterior junto a CAPES, CNPq e FAPESP; a acessibilidade da pesquisadora no espaço de atuação profissional dos sujeitos; a possibilidade de assentar as trajetórias pessoais, escolares e profissionais dos sujeitos pesquisados, num espaço relacional e institucional que permitisse visualizar trocas, interações, similitudes, diferenças, interdependências e também os efeitos da circulação internacional entendida como experiência formadora.⁴

Consegui reunir, até o momento, um conjunto de dados coletados em fontes variadas. Levantei, junto à secretaria, a listagem atualizada de docentes vinculados aos seis departamentos que compõem atualmente o Instituto. Acessei, via currículo *lattes*, nominalmente os 80 docentes na ativa dos departamentos do IFCH, de modo a identificar a experiência da circulação internacional na formação acadêmica. Reuni fontes primárias realizando nove entrevistas gravadas (quatro com docentes mulheres e cinco homens) e dois relatos orais agendados que não configuraram-se em entrevistas gravadas (uma docente mulher e um homem).⁵ Localizei, em fontes secundárias, quinze entrevistas publicadas realizadas com docentes do IFCH (duas com mulheres e treze com homens). Busquei documentos institucionais disponibilizados no SIARQ (Sistema de Arquivo) da Unicamp, que historiam o perfil de formação profissional dos primeiros docentes das Ciências Humanas contratados pela UNICAMP desde a sua fundação. Localizei entrevistas realizadas pelo serviço de imprensa da universidade com profissionais do IFCH que ocuparam cargos junto a administração acadêmica (três com homens). Consegui documentos pessoais de construção de carreira profissional (três memoriais descritivos e um currículo circunstanciado de docentes homens e um memorial

³ ANDRE, Marli Eliza D. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. BOGDAN, Robert; BUKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. FONSECA, Cláudia. “Quando cada caso não é um caso”.

⁴ BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guide de l’enquête de terrain*, p. 39-41.

⁵ Tendo em vista preservar o anonimato, não revelarei os nomes dos sujeitos entrevistados. Só identificarei nominalmente as entrevistas e depoimentos já publicados.

de mulher). Observei o espaço profissional, relacional e acadêmico do Instituto descrevendo situações no diário de campo. Fotografei espaços institucionais.

Os dados coletados, na pesquisa em desenvolvimento, sugerem que núcleo do IFCH foi o DEPES (Departamento de Planejamento Econômico e Social), implantado em agosto de 1968.

O então Reitor, professor Zeferino Vaz, tendo em vista a formação da área de Humanidades na Unicamp, convidou os professores João Manuel Cardoso de Mello, Denilson, Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves, Osmar de Oliveira Marchese, Ferdinando de Oliveira Figueiredo, Gamboa e Fausto Castilho, para coordenar o grupo. Isto era fevereiro de 1968 e a universidade tinha duas áreas fortes que eram a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Engenharia, os demais órgãos encontravam-se embrionários. O convite era para que o grupo montasse um curso de Humanidades em pleno autoritarismo militar. As Humanidades compreendiam: Economia, Sociologia, Política, História, Antropologia e Linguística.⁶

Uma das tarefas do DEPES era a de criar um curso de Planejamento Global. A imprensa e os políticos da época consideraram a iniciativa revolucionária porque entendiam que o planejador global era “um médico da sociedade”.

(...) o Magnífico Reitor da Universidade de Campinas, Zeferino Vaz, com aprovação do Conselho, criou o Curso de Planejamento Global. É a primeira Universidade brasileira que instala esse curso, e dentro de alguns anos formará a primeira turma de médicos da sociedade, porque o planejador global é acima de tudo um medico da sociedade. O Brasil está precisando muito de médicos da sociedade para vencer o subdesenvolvimento. Todos nós formulamos os mais sinceros votos para que outras universidades brasileiras sigam o exemplo magnífico da Universidade de Campinas, pois a criação de um órgão central de Planejamento, como previa no projeto que apresentamos em pleno governo Juscelino Kubitschek de Oliveira, é da mais absoluta necessidade, e corresponde de fato ao que há de melhor e mais adiantado nas Ciências Sociais. Em futuro próximo, o número de planejadores de que o Brasil vai necessitar será enorme. Basta lembrar o total de municípios brasileiros e reconhecer que o órgão central de planejamento, para ser eficiente, terá de ter uma agência em cada comuna. (...) A iniciativa do Magnífico Reitor da Universidade de Campinas, Zeferino Vaz, é verdadeiramente revolucionária, pois que governo revolucionário não terá instrumento mais eficiente para por em execução os ideais revolucionários do que o órgão central de planejamento global que só poderá funcionar com eficiência no dia em que todas as universidade brasileiras se propuserem a criar um curso de planejamento global.⁷

⁶ CANO, Wilson. “Depoimento”, p. 2.

⁷ PESTANA, Clovis. *Diário do Congresso Nacional*. Seção I, p. 5256-5257.

Este discurso revela-nos ambigüidades. Em plena ditadura militar aprovava-se um curso de Humanidades que objetivava formação universitária de planejadores que atuassem junto à administração pública e a professores universitários atentos aos problemas brasileiros. Neste sentido a criação do DEPES representou uma inovação cultural.

O professor Zeferino buscou profissionais de alto valor acadêmico e científico. Muitos deles, durante a ditadura, saíram do país em condições diversas e investiram numa formação acadêmica no exterior. A Unicamp representou um espaço blindado, que acolheu profissionais de diferentes matrizes ideológicas e políticas. A figura polêmica e contraditória do professor Zeferino Vaz possibilitou esta configuração num contexto nada favorável às Humanidades.

Em 1969 o IFCH já funcionava com três departamentos: Economia e Planejamento Econômico (em substituição ao DEPES), Linguística e Ciências Sociais. Em 1970 encontravam-se em realização os cursos de bacharelado em Economia, Ciências Sociais e Linguística.

Em 1974, o Departamento de Ciências Sociais contava com 30 docentes distribuídos entre Antropologia Social (7), Filosofia (2), História (5), Política (7) e Sociologia (9). Dentre estes, 16 docentes, cerca de 54%, já possuíam parte de sua formação acadêmica na França, Inglaterra e Estados Unidos.⁸ Os departamentos de Economia e Linguística desdobraram-se posteriormente em institutos independentes.

Em novembro de 2007, o IFCH-UNICAMP contava com um total de 90 docentes, sendo 80 ativos e 10 afastados; distribuídos entre os Departamentos de Antropologia, Ciência Política, Demografia, Sociologia, Filosofia e História. Dentre estes, a quase totalidade fez parte de sua formação acadêmico-profissional em instituições estrangeiras principalmente norteamericanas, francesas e inglesas.

A assimilação de cientistas sociais com formação internacional no processo de institucionalização do IFCH, acabou por configurar um certo “padrão” de formação acadêmica.

Se a iniciativa de acolher profissionais com títulos no exterior, durante o regime militar, possibilitou a construção de um espaço político-ideológico-acadêmico polissêmico; a partir da década de 1980, em pleno processo de redemocratização e com um sistema de pós-graduação nacional estruturado, em quase todos os campos do conhecimento, a circulação internacional, metamorfoseou-se em padrão valorativo entre os pares.

⁸ PROCESSO n. 3127/74, p. 5-6.

A circulação internacional faz parte de um *modus operandi*, de um modo de convivência, de um modo de formação. É quase uma imposição, entre aspas, uma imposição natural, porque você pode não fazer isso, mas significa um isolamento. (...) O IFCH é um instituto muito voltado para temas cosmopolitas. Como é que você vai pensar sobre o trabalho, a mundialização, a globalização a economia, o tema da cultura? (...) Os primeiros professores da Unicamp tiveram uma formação estrangeira por meio de um intenso intercâmbio acadêmico como parte do cotidiano, do *modus operandi*.⁹

A passagem pelo exterior passou a fazer parte do *modus operandi* de construção da carreira acadêmica. Nos depoimentos masculinos é possível perceber uma quase naturalização deste processo de formação profissional. Para as mulheres esta experiência é mais pesada, pois elas preocupam-se em equacionar casamento, profissão do marido, idade dos filhos, julgamento familiar etc.

Na verdade eu tive muita vontade de ir pra França, fazer uma parte do doutorado, mas nesta altura eu já era professora da Unicamp, tinha filho pequeno, estava me casando pela segunda vez, enfim, adiei este projeto.¹⁰

A equação trabalho, família e exigências de qualificação profissional passando por uma experiência internacional aparece reiteradas vezes nos depoimentos femininos dando destaque aos custos humanos e relacionais desta operação profissional.

Primeiro fui pesquisadora do Nepo, depois fiz meu concurso em 1988 e em 1989 comecei a dar aula na Sociologia do IFCH. Um ano depois que estava no departamento ganhei uma bolsa das Nações Unidas e tinha a opção de ir para Nova York ou Moscou. Na época eu já era casada, tinha um filho de dois anos de idade, morava numa chácara em Campinas, você imagina o que significava isto pra mim. (...) Veio a bolsa e eu fiquei muito na dúvida se iria ou não porque eu tinha um filho de dois anos, tinha as opções que havíamos feito. Conversei longamente com meu companheiro da época e achamos que era uma coisa rápida de três a quatro meses e que eu deveria ir. (...) Naquela época a Rússia vivia a abertura do sistema na era Gorbachev. Eu optei por Moscou. (...) Eu era vegetariana muito radical, nesta época, então eu sofri inclusive do ponto de vista da mudança alimentar porque eu cheguei lá e só tinha para comer carne de porco, de vaca, tudo muito engordurado por causa das baixas temperaturas. Mas a temperatura começou a subir, eu cheguei lá na primavera, até ficar muito quente em julho, que foi quando eu voltei. A comida continuou com o mesmo teor de gordura do inverno. Eu fiquei cheia de furúnculo, tive depressão, fiquei realmente doente. Lá eu não conseguia contato com o meu filho e meu então marido... enfim... foi um momento radical. (...) Voltei para o Brasil, reassumi minhas funções no departamento

⁹ Professor do Departamento de Sociologia, graduado em Administração Pública. Entrevista concedida à pesquisadora em 07/11/2006.

¹⁰ Professora do Dep. de Antropologia, graduada em Ciências Sociais. Entrevista concedida à pesquisadora em 22/08/006.

de Sociologia, tinha que escrever a tese de doutorado, estava fazendo análise das políticas ambientais brasileiras. (...) Quando voltei meu casamento já não era a mesma coisa, tínhamos os conflitos anteriores (...) a viagem só acelerou um processo que já vinha acontecendo.... mas foi muito difícil porque meu filho era muito pequeno, eu tinha acabado de voltar, tinha tido depressão, tinha que fazer uma tese de doutorado... era tanta coisa na minha cabeça (...) Felizmente naquele época eu contei com a ajuda dos meus pais.¹¹

Os depoimentos ajudam a resgatar o lugar que a circulação internacional alcançou no processo de formação profissional do campo acadêmico das Humanidades. Eles revelam práticas institucionais, estratégias pessoais, escolares e profissionais, a configuração de um *habitus* formacional e as consequências humanas e relacionais implicadas nas migrações temporárias.

O diálogo com outros autores

Concomitantemente ao trabalho de coleta de dados acerca da experiência da circulação internacional como componente de formação profissional junto ao grupo pesquisado, realizei levantamento bibliográfico acerca dos processos de intensificação das relações de globalização da economia capitalista e dos movimentos concomitantes e particulares produzidos na mundialização de práticas grupais, formacionais, institucionais.

A literatura aponta que a facilitação da circulação internacional de bens materiais e de capitais alcançada por acordos multilaterais, pelo avanço tecnológico e pelas formas de regulação do capital amplia a “consciência de possibilidades” de circulação de pessoas, saberes e práticas. Digo “consciência de possibilidades” porque a circulação de pessoas submete-se a barreiras de travessias, fronteiras nacionais e leis restritivas que não incidem da mesma forma sobre os fluxos de mercadorias e capitais.

A pesquisa em desenvolvimento sugere que as particularidades que cercam os intercâmbios acadêmicos internacionais junto ao grupo pesquisado devem ser acopladas às regularidades dos processos macroestruturais de reestruturação produtiva no contexto nacional e internacional.

O debate acerca dos processos de circulação internacional evidencia contradições no processo de desenvolvimento da ordem capitalista que propõe expansão flexibilizada na acumulação do capital, alinhando países

¹¹ Professora do Dep. de Sociologia, graduada em Ecologia. Entrevista concedida à pesquisadora em 04/07/2006.

desenvolvidos e em desenvolvimento. O dinamismo econômico que impulsiona novas modalidades migratórias no cenário global não vem agregado a compromissos internacionais assumidos em prol da ampliação e da efetivação dos direitos humanos dos migrantes. Neste sentido, os movimentos migratórios internacionais dão visibilidade a conflitos entre interesses de grupos hegemônicos na globalização do mercado e os Estados nacionais, com a tradicional ótica da soberania. Estas tensões reverberam ações nos níveis internacional, nacional e local que afetam diretamente indivíduos, grupos, instituições e populações migrantes.

A pesquisa sugere que os movimentos migratórios internacionais devem ser pensados sob a ótica da problemática educacional na medida em que eles constituem a contrapartida humana da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômica-produtiva em escala global.

A migração, temporária ou não, documentada ou não, almejada ou não, como processo global que se realiza em todos os lugares simultaneamente, dificilmente pode ser pensada como uma mobilização da força de trabalho para/no capitalismo, mas como “uma desmobilização da força de trabalho na terceira revolução industrial; isso porque a reprodução capitalista se reduz a ilhas, oásis de produtividade e rentabilidade em torno dos quais surgem desertos econômicos”.¹²

A movimentação de maciços populacionais corresponde aos diversos graus da crise e do colapso econômico em diversos países; envolvendo, em primeiro lugar, especialistas qualificados e estudantes; em segundo, a força de trabalho jovem masculina para serviços pesados e inferiores, nas zonas dos oásis, que crescentemente frequentam a concorrência dos excluídos nativos; em terceiro, a força de trabalho jovem feminina, incluindo prostituição, serviços domésticos e profissionais do *Care*, tais como enfermeiras de clínicas ou asilos, que também aqui concorrem com a força de trabalho barata nativa.¹³ Neste sentido, a circulação participa do modo de produção capitalista, mas afeta diferentemente grupos, classes, sexos, profissões, sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento.

Sennet aponta para traços de “corrosão do caráter”¹⁴ acarretados por períodos de desterritorialização vividos como exigências profissionais. Ele ressalta que as condições de trabalho modernas, com ênfase nos trabalhos em curto prazo, na execução de projetos pontuais, na flexibilidade

¹² KURTZ, Robert. “Barbárie, migrações e guerras de ordenamento mundial”, p. 29.

¹³ *Ibidem*, p. 29-34.

¹⁴ SENNET, Richard. *A corrosão do caráter*. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.

contratuais, na circulação internacional, no esgarçamento de vínculos duradouros, dificultam o desenvolvimento do caráter que depende de virtudes estáveis como lealdade, confiança, comprometimento, convivência, permanência e ajuda mútua.

Os profissionais com os quais trabalhei, em sua maioria, relataram que contaram com redes relacionais e institucionais que ofereciam algum tipo de referência de permanência no exterior e de retorno ao nacional. Eles sabiam que a experiência internacional era temporária; mesmo assim, viveram situações que afetam a maioria das populações migrantes, tais como: doenças, depressão, dificuldades econômicas, saudade dos familiares, esgarçamento de relacionamentos anteriores, afastamento da convivência com os filhos.

Mesmo reconhecendo que as migrações temporárias vêm ganhando um peso crescente enquanto exigência profissional, sugiro que elas não devem ser tratadas de modo natural, como se a formação acadêmica, por exemplo, fosse, por princípio, um fenômeno internacional e universal.

Nada é mais falso do que a afirmativa que *la vie intellectuelle est spontanément internationale*.¹⁵ Bourdieu insistentemente apontou que a vida intelectual é, como os outros espaços sociais, marcada por acidentes da vida cotidiana e por conflitos presentes nas dinâmicas da sociedade. As trocas acadêmicas internacionais não seguem uma lógica espontânea, natural, universal, puramente científica. Elas se submetem a fatores estruturais que pressionam, geram conflitos, exigem mudanças, direcionam o rumo das trocas, vinculam pactos científicos, políticos e econômicos.

Bauman¹⁶ sugere que os processos de globalização unificam e diferenciam, ao mesmo tempo. Se por um lado eles aumentam a consciência das condições de mobilidade de pessoas, saberes e práticas; a mobilidade não é uma garantia e a imobilidade não é uma opção realista num mundo de mudanças permanentes. Neste sentido, alguns podem optar pela mobilidade e serem bem sucedidos, outros optam pela mobilidade, mas não a alcançam em função de leis restritivas e barreiras de fronteiras, e outros que “optam” pela imobilidade vivem os efeitos de uma condição nova, drástica e desigual. Os processos de globalização provocam conseqüências humanas que ampliam a segregação, a separação e a marginalidade social nas esferas local, nacional e internacional. O autor sugere que o processo de globalização deve ser pensado, pelas Ciências Humanas, sob a ótica das conseqüências que ele acarreta na dimensão humana. Ele inaugura

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”, p. 3.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. La globalizacion. Consecuencias humanas.

outra relação entre tempo, espaço, classes sociais, ordem global, ordem nacional, turistas, vagabundos, migrantes *sans papiers*. Ele produz novas formas de exclusão, marginalidade e aumento da violência urbana.

Considerações preliminares

Do ponto de vista dos processos educativos, a globalização propõe novos códigos valorativos na construção de hierarquias, *status*, legitimação e distanciamento social. As migrações maciças, desde o final do século XX, não se apresentam positivamente como uma conquista e sim negativamente como processo de dessecação econômico: cada vez mais pessoas tornam-se supérfluas ou despreparadas para o trabalho nos seus países de origem.

Como estes processos maiores repercutem nos diferentes grupos, categorias profissionais, instituições, nações? Como as migrações acadêmicas podem auxiliar na problematização das circulações internacionais de maciços humanos buscando melhores condições de vida e trabalho? Em que medida as facilidades da circulação internacional alcançada pelos meios de transportes, tecnologias da informação, mercados de capitais, bens de consumo; converteram direitos e possibilidades em deveres de circulação considerando as exigências atuais do mercado de trabalho capitalista? É possível não circular e manter condições dignas de vida e trabalho no interior de práticas sociais, profissionais e econômicas cada vez mais marcadas por experiências de desterritorialização, tendo em vista o aprofundamento da dimensão internacional em quase todos os setores produtivos?

São questões levantadas pela pesquisa que demandam análise, levantamento de inferências, compreensão e explicação; fases distintas e inconfundíveis da pesquisa que devem ser desenvolvidas.

Por ora, é possível sugerir que a circulação internacional de pessoas, saberes e práticas é um processo crescente que vem provocando mudanças nas dinâmicas pessoais, escolares, profissionais e institucionais, em curso nas classes, grupos, instituições, nações. Afeta de modo desigual e combinado países ricos e pobres, classes abastadas e empobrecidas, diferentes categorias profissionais fazendo com que seja “urgente o debate sobre a cidadania universal, os direitos humanos e a integração solidária dos povos considerando a presença de cerca de 200 milhões de imigrantes em praticamente todos os países do mundo”.¹⁷

¹⁷ “Integração, Cidadania Universal e Direitos Humanos”. *Boletim de Mobilização Internacional dos*

Bibliografia essencial

- ANDRE, Marli Eliza D. A. *Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *La globalizacion. Consecuencias humanas*. Mexico: Fondo de cultura economica, 1999.
- BEAUD, Stephane; WEBER, Florence. *Guide de l'enquete de terrain*. Paris: La decouverte, 1997.
- BOGDAN, Robert; BUKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 89-97.
- BOURDIEU, Pierre. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées" in *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, n. 145, 2002.
- CANO, Wilson. "Depoimento", in Arquivo Central SIARQ/UNICAMP, 1989, p. 1-61.
- FONSECA, Claudia. "Quando cada caso não é um caso", in *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, Jan/Fev/Mar/Abr, n. 10, 1999, p. 58-78.
- "Integração, Cidadania Universal e Direitos Humanos", in *Boletim de Mobilização Internacional dos Imigrantes*, 18 de dezembro de 1990, p. 1-4.
- KURTZ, Robert. "Barbárie, migrações e guerras de ordenamento mundial", in SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (org.). *Travessias na desordem global*. Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.
- MAZZA, Débora. "Intercâmbios acadêmicos por meio de bolsas no exterior da CAPES, CNPq e FAPESP". No prelo para publicação em: *Caderno de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. Previsto para o número 135 ou 136, 2008, p. 1-32.
- PROCESSO n. 3127/74. Informação SG-I n. 370/1976, in SIARQ-UNICAMP, p. 1- 433.
- SANTOS, Milton. "Depoimento" in *Cientistas do Brasil*. São Paulo: SBPC, 1998, p. 743-754.
- SENNET, Richard. *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

Imigrantes, 18 de dezembro de 1990, p. 1.